

A Fábrica da Baleia do Boqueirão: de unidade a museu



Entre 1941 e 1944 Francisco Marcelino dos Reis, comerciante da praça lisboeta com ligações ao comércio açoriano, mandou construir uma fábrica destinada ao aproveitamento de óleo de baleia e preparação de guanos, no local do Boqueirão, Santa Cruz das Flores, que encerrou a actividade industrial em 1981. Foi adquirida pela Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores, em 1983, e passou para a posse da Região Autónoma dos Açores vinte anos depois. No ano de 2015 reabriu portas como espaço museológico.

A partir de meados do séc. XVIII, a frota baleeira das colónias inglesas da América do Norte começou a estender a sua área de pesca até às águas açorianas. No século seguinte aumentou essa frequência e adensou-se o contacto com a população local. O número de ilhéus engajados como tripulantes cresceu de forma exponencial. Para termos uma ideia do fenómeno, registre-se que nos primeiros anos do séc. XX 60% da mão-de-obra empregue a bordo das barcas baleeiras provinha dos arquipélagos dos Açores e Cabo Verde. O conhecimento obtido nestes navios permitiu aos açorianos lançarem as bases de uma nova alternativa económica nas ilhas. No ano de 1856, José Constantino da Silveira e Almeida importou dois botes dos EUA e fundou, nas Flores, a primeira armação baleeira fixa açoriana. Apesar do entusiasmo e sucesso iniciais, a pesca foi sendo paulatinamente abandonada até ao primeiro

conflito mundial. No período entre guerras há um recrudescimento do interesse e aparecem novos armadores: Maurício António de Fraga; Jaime Leal Páscoa; Empresa de Pesca de Baleia Esperança, Lda; Francisco Azevedo Nunes; António Caetano Serpa e Reis & Flores. A transformação do óleo era feita em caldeiros a fogo directo instalados em abrigos precários ou ao ar livre. O impulso do segundo terço do séc. XX permitiu a construção de dois edifícios, um em cada concelho, para instalar caldeiros. Resta o que foi pertença de Maurício António de Fraga, em posse do Clube Naval das Lajes das Flores. Marca a transição entre o *traíol* e a fase industrial.

O segundo conflito mundial veio revolucionar o preço do óleo nas praças internacionais. O seu valor quase triplicou no mercado local. Este facto trouxe a sentença de morte dos pequenos armadores e das frágeis sociedades até então existentes, que ficaram sem capacidade de sobrevivência face ao investimento capitalista externo protagonizado por Francisco Marcelino dos Reis, que criou a unidade industrial para o aproveitamento de óleo de baleia e preparação de guanos em 1941. No fim da década teve que entregá-la ao seu credor, a Sociedade Agrícola e Comercial Piano, Lda, que a venderia à União das Armações Baleeiras das Flores e Corvo, em 1955.

A empresa recebia baleias capturadas pela armação Reis & Flores, que tinha no mar circundante às ilhas das Flores e

Corvo a sua zona de intervenção. No edifício fabril, além dos equipamentos de transformação industrial de fabrico português, estava instalada a gestão, carpintaria para reparação de botes, armazém de farinhas e ferraria para forjar ou fundir metais necessários à produção ou manutenção de peças do equipamento industrial, ferramentas de pesca e desmancho. A fábrica funcionava com dois tipos de energia: vapor e electricidade. O vapor das caldeiras Babcock & Wilcox utilizado nos guinchos, que puxavam os cetáceos pela ingreme rampa para o amplo pátio exterior, nas autoclaves, cozedor e secador. A electricidade iluminava o local de trabalho e acionava os motores que moviam o martelo, crivo e outras máquinas. A extracção de óleo dos toucinhos, ossos e massas do interior da cabeça fazia-se em autoclaves com vapor sob pressão. A carne seguia um circuito próprio, instalado na «casa das farinhas», baseado num sem-fim e noras, que se iniciava no cozedor, passava pelo centrifugador para retirar fluidos e continuava para o secador. Depois de desidratada, era moída, no moinho de martelos, e passada no crivo para depois ser armazenada. Os ossos eram picados no exterior e moídos no moinho de martelos. As farinhas eram utilizadas em rações e adubos. O óleo era armazenado em tanques subterrâneos escavados no subsolo do pátio. Farinhas e óleo seguiam para o mercado continental. Este tinha no Norte da Europa o seu consumidor final.



Apesar de alguns contratempos, todo o equipamento industrial sobreviveu e foi recuperado, sustentando assim a base do museu e percurso museológico. O projecto mostra aspectos da biologia do cachalote, das várias utilizações dos produtos daí extraídos, o aparecimento de alternativas de substituição e evidencia todo o processo de vigia, pesca e transformação. Esta etapa é documentada por um excelente filme de Francis Lamolère, filmado em situações reais, sem qualquer tipo de encenação, nas vigias, botes e fábrica das Flores. Foi também dedicada uma área à memória dos baleeiros florentinos que embarcaram nas baleeiras americanas e aos que localmente corporizaram a faina. Conta ainda com dois botes: um utilizado no espectáculo multimédia, que pretende recriar uma cena de pesca e outro exposto com toda a palamenta. Houve a intenção de criar uma exposição que não abdica do seu conteúdo científico, mas apresentando-a de uma forma didáctica e apelativa, recorrendo-se às novas tecnologias de informação.

LUÍS FILIPE N. G. VIEIRA
Núcleo Cultural da Horta

INFORMAÇÃO ÚTIL

Museu da Fábrica da Baleia do Boqueirão

HORÁRIO:

1 junho a 30 setembro

2ª a 6ª feira
9h00 às 17h30
sábado e domingo
14h00 às 17h30

1 outubro a 31 maio

3ª a 6ª feira
9h00 às 12h30
14h00 às 17h30
sábado e domingo
14h00 às 17h30

Encerra à segunda-feira e feriados

LOCALIZAÇÃO:

Porto do Boqueirão, Vila de Santa Cruz, ilha das Flores

COORDENADAS GPS:
39°27'46"N — 31°07'47"O

OUTROS LOCAIS DE INTERESSE NAS REDONDEZAS:

Igreja-Matriz de N.ª S.ª da Conceição (séc. XVIII-XIX); Convento de São Boaventura/Museu das Flores (séc. XVII-XVIII); Casa Pimentel de Mesquita (séc. XVIII); Império do Espírito Santo (séc. XIX); Núcleo urbano de Santa Cruz das Flores (séc. XVIII-XIX); Museu e Auditório Municipal.

